

O TRIPÉ FUNDADOR DA ANÁLISE DO DISCURSO: AS INTERFACES DE UMA TEORIA DE *ENTREMEIOS*

REVISITANDO ALGUNS CONCEITOS DA ANÁLISE DO DISCURSO

Vitor Augusto Werner dos Reis
(UNISUL – Doutorado)

INFORMAÇÕES SOBRE O AUTOR
<p>Vitor Augusto Werner dos Reis é graduado em Psicologia e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Psicanalista, membro da Maiêutica Florianópolis – Instituição Psicanalítica e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da UNISUL, na área de Texto e Discurso. E-mail: vitorwerner@gmail.com.</p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>Este artigo busca estabelecer um diálogo introdutório entre os três pilares fundantes da Análise do Discurso (AD): a psicanálise, o materialismo histórico e a linguística. Para isso, optou-se pelo método bibliográfico de pesquisa e utilizou-se o livro <i>Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio</i> de Michel Pêcheux, como um guia durante a construção do texto. Na introdução, revisitamos a França da década de 60 para analisar quais eram as condições históricas e científicas que corroboraram para o desenvolvimento da teoria do discurso. Além disso, tentamos definir o objeto de estudo proposto por Pêcheux e suas principais características. No primeiro capítulo, intitulado <i>Língua e Discurso</i>, abordamos a problemática da cientificidade na linguística e suas implicações na construção da AD como disciplina. Já no capítulo dois, <i>Sujeito e Discurso</i>, recorremos ao conceito lacaniano de sujeito para compreender suas relações com a linguagem e com o Outro. Por fim, no capítulo <i>Ideologia e Discurso</i>, definimos o tipo de ideologia desenvolvida por Pêcheux e seu enlace com o conceito de inconsciente freudiano. Concluímos que ao propor uma teoria de <i>entremeios</i>, evitando quaisquer filiações conceituais e imposições científicas, Pêcheux desenvolve um dispositivo analítico revolucionário, mas com raízes profundas, que garantem a sustentação e a subversão de sua teoria.</p>	<p>This article seeks to establish an introductory dialogue between the three basic pillars of the discourse analysis (AD): psychoanalysis, historical materialism, and linguistics. For this purpose, we chose the bibliographic method of research and used as a guide the book “<i>Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio</i>” [semantics and discourse: a critique to the affirmation of the obvious] by Michel Pêcheux. In the introduction, we revisited 1960s France to examine the historical and scientific conditions that led to the development of discourse theory. We also try to define Pêcheux’s object of study and its main characteristics. In the first chapter, entitled <i>Language and Discourse</i>, we address the issue of scientificity in linguistics and its implications for the development of discourse analysis. From chapter two, <i>Subject and Discourse</i>, we used the concept of subject by Lacan to understand it in relationship with language and the Other. Finally, in the chapter <i>Ideology and Discourse</i>, we discuss Pêcheux’s notion of ideology and its connection with the Freudian concept of unconscious. We conclude that by proposing a theory of <i>within</i>, avoiding any conceptual affiliation and scientific impositions, Pêcheux develops a revolutionary analytical device, but with deep roots, which guarantee the support and subversion of his theory.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Psicanálise; Materialismo histórico; Linguística.	Psychoanalysis; Historical Materialism; Linguistics.

INTRODUÇÃO: “A TRÍPLICE ALIANÇA”

Compreender o campo da Análise de Discurso (AD) requer um retorno às suas raízes epistemológicas, mas também ao cenário político francês da década de 1960, deflagrado no Maio de 1968. O efeito desse movimento, somado ao enfraquecimento do modelo estruturalista nas ciências humanas, colaboraram para que Michel Pêcheux concebesse o discurso como um lugar particular que não se prende a nenhuma teoria, mas transita como uma disciplina de entremeio apropriando-se criticamente de conceitos advindos da Psicanálise, do Materialismo Histórico e da Linguística.

Segundo Cohn (2008), havia um espírito novo sobrevoando Paris, em que as reivindicações de reformas na sociedade eram apenas a ponta do *iceberg* na busca por uma reinvenção das formas de existir e de se relacionar com o mundo. No âmbito das universidades, as críticas eram dirigidas ao positivismo como método científico que, encarnado no discurso pedagógico, privilegiava a repetição e a manutenção da ordem existente (conteudista) deixando de fora a singularidade e a historicidade do sujeito.

Não é por acaso que justamente o que a ciência ignora constitui as ferramentas que Pêcheux utiliza para definir o discurso como objeto da AD. Segundo Orlandi (2015, p. 11), para o filósofo, o discurso é definido “como sendo efeito de sentidos entre locutores, um objeto sócio histórico em que o linguístico está pressuposto”. Esse fragmento nos permite pensar como a AD se afasta da concepção clássica de ciência ao propor um objeto que se fundamenta no sujeito do inconsciente, na ideologia e na contradição da língua.

Pêcheux não busca filiar-se a uma teoria, ao contrário, transita por diferentes campos do conhecimento apropriando-se de conceitos que possam ajudá-lo a compreender o fenômeno discursivo nas suas várias representações. Na Psicanálise, aproxima-se do conceito de sujeito dividido pela linguagem proposto por Lacan (1998), opondo-se a Saussure (2006) e Benveniste (2005). Em Freud (1915/2006), recupera a ideia de inconsciente relacionando-o ao conceito de ideologia de Althusser (1985). Quando Pêcheux (2014) afirma que não há exterioridade na ideologia, uma das interpretações possíveis encontra-se justamente na dobra ideologia/inconsciente. Isso porque, para a Psicanálise, nada escapa ao inconsciente. E para Althusser, seguindo a mesma lógica, o sujeito é afetado pela ideologia (historicidade) de forma involuntária. A analogia desses dois processos encontra-se no assujeitamento do eu frente ao Outro.

O sujeito em falta, descentrado pelo inconsciente é confrontado por Pêcheux com o sujeito da ciência. O primeiro carrega consigo a ambiguidade do desejo, a falha que fala, a incompreensão do sintoma como metáfora. Já o sujeito da ciência busca a homogeneidade, a completude, a consciência plena de si e de seus atos, como os seres esféricos de Aristóteles, presentes no banquete de Platão (1996, p. 35) “[...] a esfera não tem olhos nem

orelhas, não tem pés nem braços, e só lhe foi conservado um movimento, o movimento perfeito, sobre si mesma". Assim, podemos supor que o sujeito da ciência, por dizer-se neutro, não produziria efeito de sentido no discurso, diferentemente do sujeito dividido, que reconhece na falha e na contradição a polissemia da língua.

Com relação à Linguística, Pêcheux se afasta do estruturalismo saussuriano e da Semiologia e propõe trabalhar a língua a partir do não-dito, do silêncio, do fragmento, da autoria, do equívoco, da contradição. Segundo Orlandi (2018), a linguagem deixa escapar o que é fundamento, a significação não se restringe ao enunciado, mas a enunciação; não se restringe a fala, mas ao que não foi dito. De acordo com Pêcheux (2014, p. 83), a linguagem "permite, ao mesmo tempo, a comunicação e a não-comunicação". E, mesmo quando comunica, não o faz de forma pura, sempre carrega consigo uma disputa de sentidos e um jogo de poder que Pêcheux tenta compreender a partir do Materialismo Histórico.

O sujeito do inconsciente e as críticas aos modelos linguísticos clássicos não são suficientes para explicar a constituição, a transformação e a manutenção de um discurso. Por isso, para dar conta do seu objeto de estudo, Pêcheux busca o terceiro, e talvez mais importante pilar da AD, o da historicidade.

A noção de ideologia, compreendida pela AD na relação com o real da língua a partir do inconsciente, não deve ser confundida com a definição dicionarizada do conceito e tampouco com a posição político-partidário ou econômica, mas como um acontecimento relativo à constituição do sujeito. Ou seja, a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos produzindo traços que são inconscientes, mas que aparecem no discurso pela materialidade: quem fala, de onde fala, para quem fala.

Isso quer dizer que o sentido se modifica dependendo de quem fala, do lugar que este alguém ocupa no discurso e para quem o sujeito fala. Ou seja, há um jogo de sentidos que transita entre o enunciado, a enunciação e a materialidade do discurso. Essa somatória produz um efeito de sentidos que não são únicos, mas singulares e provisórios. Tudo vai depender das condições de produção do discurso.

1 LÍNGUA E DISCURSO

Segundo Pêcheux (2014), as "questões de semântica" com que se depara hoje a Linguística constituem um retorno daquilo que ela teve que se separar para se tornar uma ciência: a questão do sentido. A partir de uma visão idealista, a Linguística recalca a polissemia da língua em prol do reconhecimento científico. Desse modo, perceber o funcionamento da Linguística nos ajuda a entender os deslocamentos produzidos pela AD na relação ente língua e discurso.

Para o autor (2014, p. 82), "a discursividade não é a fala (parole), isto é, uma

maneira individual ‘concreta’ de habitar a ‘abstração da língua; não se trata de um uso, de uma utilização ou da realização de uma função”. A expressão “processo discursivo” busca desconstruir a noção de fala como instrumento de comunicação, redefinindo-a como um processo que se inscreve numa relação ideológica que produz sentidos para além do enunciado.

Isso equivale a dizer que o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc. não existe “em si mesmo”, está sempre submetido a um processo sócio-histórico e as posições sustentadas por aqueles que as empregam, isto é, “em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem” (PÊCHEUX, 2014, p. 147). Esse lugar que modifica a produção de sentidos e determina o que pode e deve ser dito é nomeado por Pêcheux (2014) de formação discursiva.

No entanto, as formações discursivas também não existem “em si mesmas”, elas ocupam um lugar nas formações ideológicas e navegam sobre um mar chamado interdiscurso. O que isso significa? Que toda formação discursiva é atravessada pela objetividade material contraditória do interdiscurso, que reside no fato de que “algo fala sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 2014, p. 149). Em resumo, o sujeito se identifica com a formação discursiva que o constitui, mas dissimula seu assujeitamento sob a aparência da autonomia.

Para ilustrar a relação do sentido com o discurso, Pêcheux analisa a seguinte sentença: “aquele que salvou o mundo morrendo na cruz nunca existiu” (PÊCHEUX, 2014, p. 88). O filósofo aponta a contradição da afirmação quando interpretada a partir de formações discursivas distintas. O discurso do ateísmo e o discurso do religioso, por exemplo, produziriam diferentes sentidos, pois o que é construído pelo enunciado está subordinado a um *pré-construído*, a uma memória que torna a significação um efeito de sentidos provisórios subordinado a uma formação discursiva dominante.

Segundo Pêcheux (2014), a noção de *pré-construído* representa uma importante ligação entre a teoria dos discursos e a linguística. Proposto por Paul Henry, o conceito de *pré-concebido* assenta-se na divergência entre dois domínios de pensamento, sendo que “um elemento de um domínio irrompe num elemento do outro sob a forma do que chamamos de ‘pré-concebido’, isto é, como se esse elemento já se encontrasse aí” (PAUL HENRY, 1992 p. 89). Para dar conta da presença do Outro no discurso, que não é enunciativo, Paul Henry propõe o termo *pré-construído*, que segundo Gallo (2001, p. 2), pode ser entendido como “o outro do interdiscurso, circunscrito em uma região histórica e ideológica, delimitada no acontecimento do discurso”. O efeito de *pré-construído* consistiria numa camada discursiva que é pensada antes, em outro lugar e de forma independente.

No capítulo *Sujeito, Centro, Sentido* do livro *Semântica e discurso: uma crítica a*

afirmação do óbvio, Pêcheux (2014) inicia sua reflexão tecendo uma crítica ao modelo de ciência e sua ancoragem na lógica como sinônimo de plenitude frente ao objeto. No entanto, ao longo dos parágrafos, busca desconstruir esse pensamento idealista, mostrando que não há independência do pensamento em relação ao ser. Ou seja, a divisão que o discurso científico tenta estabelecer frente a ideologia é uma simulação, uma falácia que se apoia sobre um processo de identificação, que “mascara radicalmente qualquer descontinuidade epistemológica” (PÊCHEUX, 2014, p. 118).

Segundo o autor, há na produção dessa ficção, “a dupla face de um mesmo erro, que consiste, de um lado, em considerar as ideologias como ideias e não como forças materiais e, de outro lado, em conceber que elas têm sua origem nos sujeitos, quando na verdade elas ‘constituem os indivíduos em sujeitos’” (PÊCHEUX, 2014, p. 120). A concepção idealista transita entre os pilares da análise do discurso, mas abala, principalmente, a estrutura da linguística quando interpelada pelo sujeito.

Assim como Barthes (1997), que afirma que nenhuma língua é inocente e que “é do interior da língua que a língua deve se combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro” (BARTHES, 1997, p. 16-17), Pêcheux identifica a ameaça da concepção idealista para a teoria do discurso e a desvela assentando o domínio teórico de seu trabalho sobre a subjetividade, a discursividade, e a descontinuidade ciências/ideologias. O que o idealismo impossibilita compreender é “a prática política e, igualmente, a prática de produção dos conhecimentos (assim como por outro lado, a prática pedagógica)” (PÊCHEUX, 2014, p. 122).

Em outros termos, a posição peculiar do materialismo histórico como ciência (diferentemente de outras ciências) está em que rompe com a ideologia das relações sociais de produção, o que o força a pensar a articulação das práticas, e este pensar não tem outra solução senão uma tomada de posição política, a posição teórica é simultaneamente uma posição na luta de classes (KARCZMARCZYK, 2017, p. 53).

No *Anexo III*, Pêcheux (2014) afirma que não é possível intervir filosoficamente sem tomar partido. Com essa afirmação, o autor francês marca o tom político de sua teoria e o distanciamento do idealismo platônico que é substituído por uma teoria materialista dos processos discursivos atravessada pelo sujeito do inconsciente.

Esse mito idealista, dirá Pêcheux (2014, p. 161), “constitui a ilusão necessária de uma ‘intersubjetividade falante’ pela qual cada um sabe de antemão o que o ‘outro’ vai pensar e dizer...”. No entanto, “eu digo aquilo que um outro pode pensar, na medida em que aquilo que eu digo não está fora do campo daquilo que eu estou determinado a não dizer” (PÊCHEUX, 2014, p. 161). Ou seja, ao enunciar, o sujeito o faz de uma maneira e não de outra, que poderia ser considerada. Esse esquecimento, definido por Pêcheux como o esquecimento número dois, produz no falante uma ilusão referencial, fazendo-o acreditar

que o seu dizer só poderia ser dito daquela forma e não de outras (ORLANDI, 2009).

Já o esquecimento número um sustenta-se na noção de inconsciente e resulta da interpelação do sujeito pela ideologia. Segundo Orlandi (2009, p. 35), “por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existentes”. As duas formas de esquecimento no discurso são estruturais e determinantes na produção de sentidos e na constituição do sujeito. Desse modo, “as ilusões não são ‘defeitos’, são uma necessidade para que a linguagem funcione” (ORLANDI, 2009, p. 36).

2 SUJEITO E DISCURSO

No livro *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*, Paul Henry (1992) nos ajuda a analisar as implicações do sujeito da Psicanálise para a teoria pêchetiana do discurso. As aproximações entre as duas teorias são sabidas pelos analistas de discurso, mas ainda desconhecida pela maioria dos psicanalistas. No entanto, fica a pergunta: será que a Análise do Discurso não tem algo a ensinar para nós, psicanalistas? Já que, segundo Paul Henry (1992, p. 164), a análise psicanalítica é uma “experiência de discurso”?

Tanto para a Psicanálise quanto para a Análise do Discurso não estamos no plano saussuriano da língua, mas no nível do significante, situado por Lacan no registro simbólico, que se aproxima, mas não coincide com a linguagem. Para que os termos sejam equivalentes, seria necessário complementar que a linguagem é o simbólico realizado. Além disso, essa relação supõe uma outra questão, essa fundamental para avançarmos na discussão: “o simbólico é aquilo que, na linguagem, é constitutivo do sujeito como efeito” (PAUL HENRY, 1992, p. 165).

O sujeito, ao contrário da noção de indivíduo praticada pela ciência, é assujeitado pelo par inconsciente/ideologia. De acordo com Paul Henry (1992, p. 170), o sujeito está dividido como aquele que sonha, “do qual uma parte lhe é invisível para sempre e que ele só pode conhecer através de uma experiência intersubjetiva, que é uma experiência de discurso”. Como aquele que cometeu um lapso, o sujeito não se reconhece no ato da fala, há um estranhamento, a produção provisória de um outro entre o sujeito e a língua, nomeado pela psicanálise de sujeito do desejo.

Segundo Milner (1996, p. 95), “o ser falante é, antes mesmo, aquele cujo próprio ser não deixa de ser afetado pelo fato de que ele fala”. Tal afetação é produzida pelo Outro, que sustenta um discurso articulado em que se conjugam fala e linguagem. Segundo Soler (2012, p. 27), “fala para nós quer dizer fala ‘articulada’, formatada pela linguagem, uma linguagem que está primariamente do lado do Outro”. Há algo que extrapola a mensagem, um mais além da palavra que define a fala não como um modelo de comunicação, mas

como um efeito de separação (DOR, 1989). Em Lacan, o corpo biológico morre dando lugar ao corpo verbalmente constituído. É “porque dois seres não podem se conjugar que eles falam” (MILNER, 1996, p. 96).

Paul Henry (1992, p. 174), embasado no trabalho de Freud sobre a interpretação dos sonhos, defende a ideia que é pelo viés do imaginário “que o simbólico exerce seus efeitos estruturantes sobre o sujeito”. Ou seja, as identificações imaginárias operam submetidas à ordem do desejo inconsciente enquanto constituído pelo simbólico na figura do significante. Reencontramos aqui, o primado do simbólico sobre o real e o imaginário (HENRY, 1992, p. 175).

Um pouco mais à frente, o autor faz uma importante distinção entre *sujeito do enunciado* e *sujeito da enunciação*. O primeiro refere-se ao conteúdo manifestado pelo falante, ao seu dizer. Já aquele que aparece nas formações do inconsciente: sonhos, chistes, atos falhos e sintomas, é o sujeito da enunciação, o Hermes do inconsciente a serviço do desejo.

Assim, a questão da constituição do sujeito se junta à da constituição do sentido pela figura da interpelação. Se, como afirma Benveniste (1989, p. 84), “a língua não é senão possibilidade de língua”, que encontra sua realidade no sujeito da enunciação, o indivíduo é sempre uma promessa que, interpelado pela ideologia, resulta num sujeito dividido pela linguagem. Desse modo, o sujeito não é a fonte do seu discurso, como nas histórias do barão de *Münchhausen* – “que se elevava nos ares puxando-se pelos próprios cabelos” (PÊCHEUX, 2014, p. 144) – ele nada mais é do que o suporte e o efeito da linguagem: barrado, dividido pelo discurso do Outro. (AUTHIER-REVUZ, 1990).

É somente a partir do campo do Outro que sujeito e significante podem se encontrar. Mesmo antes de nascer, o lugar que o sujeito irá habitar já se encontra estruturado, constituído, ordenado. O sujeito é produzido por uma linguagem que o antecede e o prescreve. Assim, os significantes que atravessam o sujeito são produzidos por um outro discurso – o discurso do Outro; que não se reduz à fala da realidade, mas àquilo que o discurso tenta encobrir com as palavras: o sujeito do inconsciente. Segundo Lacan (1953-54/1983, p. 225),

toda palavra tem sempre um mais-além, sustenta mais funções, envolve muitos sentidos. Atrás do que diz um discurso há o que ele quer dizer, e, atrás do que ele quer dizer, há ainda um outro querer dizer, e nada será nunca esgotado [...]” (LACAN, 1953-54/1983, p. 225).

Em Lacan (1953-54/1983), a palavra assume a função de significante, podendo revelar diversos sentidos no discurso. Nesse momento, há um corte no discurso, uma desorganização na cadeia significante, algo sai do controle e as palavras ditas assumem um outro sentido, pois a linguagem tem vida própria. “Muitas vezes temos a sensação de que escolhemos nossas palavras, outras vezes elas são escolhidas para nós” (FINK, 1998, p. 32).

O sujeito do enunciado, representante da consciência e representado pelo “eu”, insiste na ilusão de que um elemento do código se refere unicamente à mensagem, de que *um charuto é apenas um charuto*, nada mais. Já o sujeito da enunciação, porta-voz do desejo inconsciente do sujeito, aponta “para um falante ambivalente que diz sim e não ao mesmo tempo, que enquanto diz uma coisa, insinua outra” (FINK, 1998, p. 61).

Orlandi (2009, p. 50), pensando a linguagem a partir da Análise do Discurso, toma o sujeito do enunciado proposto por Lacan como o sujeito gramatical ou sujeito-de-direito, que “cria um ideal de completude, participando do imaginário de um sujeito mestre de suas palavras: ele determina o que diz”. Segundo a autora, mesmo que a subjetividade repouse na possibilidade de mecanismos linguísticos específicos, não se pode explicá-la exclusivamente por eles; “fazemos entrar em conta também sua dimensão histórica e psicanalítica” (ORLANDI, 2009, p. 50). Assim como na Psicanálise, o sujeito da AD é descentrado pela linguagem, “pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia” (ORLANDI, 2009, p. 20).

Essa estrutura do sujeito nos mostra duas coisas importantes desenvolvidas por Paul Henry (1992, p. 188): a) “o sujeito é sempre, e ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do inconsciente”; b) o sujeito da ciência não existe, visto que a ciência é uma ideologia da supressão do sujeito.

Por fim, podemos afirmar que linguagem e sujeito são duas faces da mesma moeda, que se atravessam na exterioridade de seus equívocos. A análise do discurso ecoa a máxima freudiana, para a qual poderíamos propor o seguinte deslocamento: “o sujeito não é o senhor do próprio discurso”. “As palavras são, sempre e inevitavelmente, as palavras dos outros” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26). Há sempre um Outro que atravessa o discurso, que o significa pelo dito, pelo não-dito ou pelo silêncio. Segundo Orlandi (2007, p. 31), “o homem está ‘condenado’ a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, [...] ele está irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico”.

3 IDEOLOGIA E DISCURSO

Pêcheux (2014) inicia a terceira parte do livro *Semântica e discurso* retomando o título do primeiro artigo para pensar os limites dos fundamentos de uma teoria materialista do discurso. Ao destacar que a ideologia não é “o único elemento dentro do qual se efetuará a reprodução/transformação das relações de produção de uma forma social” (PÊCHEUX, 2014, p. 129), o autor não ignora outras determinações econômicas que condicionam essa produção/transformação, e aponta para um importante retorno ao trabalho de Althusser sobre os aparelhos ideológicos de Estado, para pensar a difícil tarefa de definir o que é

Ideologia para a AD.

Afirma “que as ideologias não são feitas de ‘ideias’ mas de práticas” (PÊCHEUX, 2014, p. 130) e percorre alguns parágrafos para mostrar o que a ideologia não é, para finalmente voltar a Althusser e afirmar que “é pela instalação dos aparelhos ideológicos de Estado, nos quais essa ideologia (a ideologia da classe dominante) é realizada e se realiza, que ela se torna dominante”. Continua, “os AIE constituem, simultânea e contraditoriamente, o lugar e as condições ideológicas da transformação das relações de produção” (PÊCHEUX, 2014, p. 131).

Ao tentarmos definir um conceito tão complexo e fundamental para AD, logo nos deparamos com a contradição, e não por acaso. Pensar que o lugar de manutenção da ideologia dominante também se apresenta como a possibilidade de sua transformação, é recorrer ao par inconsciente/ideologia para compreender que a contradição não é um efeito do sujeito interpelado pela linguagem, mas a causa da sua constituição.

Essas condições contraditórias, dirá Pêcheux (2014, p. 131), “são constituídas, em um momento histórico dado, e para uma formação social dada, pelo conjunto complexo dos aparelhos ideológicos de Estado que essa formação social comporta”. Isso quer dizer que em sua materialidade, a ideologia apresenta-se sob a forma de formações ideológicas dentro de uma formação social que constitui a luta ideológica de classes.

Nessa estrutura, a contradição opera no sentido de que cada classe ideológica tenderia a realizar, em proveito próprio, a mesma coisa que a outra, tendo em vista que à luta entre classes não é simétrica e produz desigualdade e subordinação a formação dominante. Seguindo o exemplo de Althusser, ao dizer que “os sujeitos ‘funcionam sozinhos’ porque são sujeitos, isto é, indivíduos interpelados em sujeito pela ideologia (...)” (PÊCHEUX, 2014, p. 272), Pêcheux põe um pé para fora da luta ideológica de classes, e traz para a discussão a categoria de sujeito como constitutiva de toda ideologia, segundo o autor, “só há ideologia pelo sujeito e para sujeitos” (PÊCHEUX, 2014, p. 135).

Para caracterizar as diferentes noções de ideologia, Pêcheux nomeia de “Ideologia em geral”, as definições que se apresentam numa realidade não-histórica, afastando-se dos aparelhos ideológicos de Estado, mas não das relações de produção que se deslocam do laço homem/meios de produção para as relações entre “homens” enquanto “animal ideológico”. Em outras palavras, a ideologia faz parte da natureza humana enquanto sujeitos da linguagem. A história é a história dos homens, não há separação, “a história é um imenso sistema natural-humano em movimento, cujo motor é a luta de classes (Althusser *apud* Pêcheux, 2014, p. 138). É no interior dessa relação “natural-humano” da história que Pêcheux constrói algumas conexões entre as categorias ideologia e inconsciente.

Um exemplo dessa aproximação está no próprio funcionamento dos conceitos. Para

Pêcheux (2014), ideologia e inconsciente buscam ocultar sua própria existência no interior de seu movimento, “produzindo um tecido de evidências ‘subjetivas’, devendo entender-se este último adjetivo não como ‘que afetam o sujeito, mas nas quais se constitui o sujeito’” (PÊCHEUX, 2014, p. 139). Os enlaces entre esses dois conceitos transcendem o simbólico e tocam em pontas do real, inapreensível pelo sujeito, mas que deixa suas marcas na sua constituição.

Por fim, concluímos que os discursos são diferentes regiões que recortam o interdiscurso e que “refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes” (ORLANDI, 2007, p. 20). O que quer dizer que o processo de significação vai além da palavra, do silêncio ou do não-dito. O sentido do discurso está radicalmente subordinado a um jogo de posições. Em outras palavras, a posição que o sujeito ocupa no discurso define o modo com que ele se relaciona com o outro. É o discurso que atravessa o sujeito conduzindo-o, segundo a AD, a partir de sua ideologia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após breve incursão pelas origens e fundamentos da Análise do Discurso, observamos que ao propor uma teoria de *entremeios*, evitando quaisquer filiações conceituais e imposições científicas, Pêcheux desenvolve um dispositivo analítico revolucionário, mas com raízes profundas, que garantem a sustentação e a subversão de sua teoria. É importante notar que os três pilares trabalhados neste artigo têm um importante lugar na história das ciências humanas. Na Linguística moderna, temos o primeiro modelo de língua reconhecido como uma estrutura científica. Depois, com a Psicanálise, temos o esforço de Freud em construir uma disciplina aos moldes das ciências da natureza, mas também a deflagração de que o homem não é o centro de seu próprio domínio. E por fim, a potência do Materialismo Histórico e todas as revoluções intelectuais e sociais alavancadas pelas lutas de classe.

Desse modo, acreditamos ser fundamental para compreensão e crítica de uma teoria, visitar os primórdios de sua construção e as circunstâncias históricas e sociais de sua época. Além disso, como nos alertou Pêcheux (2014), um conceito não tem origem em si mesmo, pelo contrário, é uma construção que abarca várias vozes e cabe a nós, pesquisadores, escutar cada uma delas e não somente os seus ecos.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) Enunciativas. In: **Cad. Est. Ling.**, Campinas, (19): 25-42, jul./dez. 1990.

ALTHUSSER, L. **Freud e Lacan. Marx e Freud: introdução crítica-histórica**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In: _____. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas, SP: Pontes, 2005. p. 284-293

BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: _____. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989. p. 81-90

BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1997.

COHN, S. Apresentação. In COHN, S.; PIMENTA, H. **Encontros – Maio de 68**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2008. p. 8-11

DOR, J. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FINK, B. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FREUD, S. O Inconsciente. In: **Edição Standart Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XIV, [1915]/2006.

GALLO, S. L. Autoria: Questão enunciativa ou discursiva? In: **Revista Linguagem em (Dis)curso**, volume 1, número 2, jan./jun. 2001.

HENRY, P. **A ferramenta Imperfeita: língua, sujeito e discurso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

KARCZMARCZYK, P. De Althusser a Althusser, passando por Pêcheux e Herbert. In: **Análise de discurso e materialismos: historicidade e conceito**. volume 1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017. p. 11-56.

LACAN, J. **O seminário – Livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, [1953-54]/1983.

_____. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.238-324.

MILNER, J-C. **O amor da língua**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.

ORLANDI, E. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. In: _____. **Estudos da Língua(gem)**. Vitória da Conquista, 2015. p. 9-12.

_____. Ética, Ciência, Ideologia, Interpretação. In: _____. **As Ciências da Linguagem e a(s) voz(es) e o(s) silenciamento(s) de vulneráveis: reflexão e práxis – homenagem ao Prof. Luiz Antônio Marcuschi**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018. p. 89-101.

_____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2009.

_____. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PLATÃO. **O banquete do amor Plotino**. Bauru, SP: EDIPRO, 1996.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOLER, C. **O inconsciente: que é isso?** São Paulo: Annablume, 2012.

Título em inglês:

**THE THREE PILLARS OF DISCOURSE ANALYSIS: THE
INTERFACES OF A THEORY OF THE *WITHIN***